

# Religioso ou Religionário?

Eugenio Lara

Como qualquer iniciador, revelador ou estruturador de determinado modo de pensar e agir, Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec, fundou o Espiritismo em 1857, imaginando as várias fases do seu desenvolvimento. Inicialmente, na *Revista Espírita* (RE), considerou quatro períodos de propagação: *Curiosidade*, *Observação*, *Admissão* e *Influência Sobre a Ordem Social* (RE, setembro 1858). Posteriormente, ampliou para seis (RE, dezembro 1863), acrescentando os períodos *Religioso* e *Intermediário*, antes da última fase de propagação, renomeada *Regeneração Social*, a mais importante, segundo ele.

Todavia, antes de prosseguirmos, temos de considerar o seguinte fato: há uma diferença substancial, verdadeiro abismo filosófico entre considerar o Espiritismo religião, como a grande maioria dos espíritas faz e a postura de Rivail em relação a essa questão. Em nenhum momento ele admitiu que o Espiritismo fosse religião, a não ser no sentido de laço (*religion*), jamais no sentido de culto (*religare*). Posição aparentemente contraditória, evidentemente, com relação a seu procedimento na análise interpretativa, hermenêutica dos evangelhos e dos dogmas católicos.

Ou seja, até pouco antes de desencarnar, Rivail considerava O Espírito de Verdade como Jesus, tinha plena convicção de que o Espiritismo era a Terceira Revelação, o Paracleto que estava por vir, anunciado pelo próprio Cristo. Imaginava que o Espiritismo pudesse oferecer um certo tempero racional, experimental, impregnando de bom senso as religiões, no estudo e compreensão de seus dogmas, como uma espécie de catalisador de ideias, um eficiente cicerone da inevitável aliança da ciência com a religião. Isso sem contar a terminologia contrabandeada do cristianismo, presente no discurso dos Espíritos e do próprio Rivail.

Diante de tal quadro, ver o Espiritismo como um neocristianismo, o cristianismo redivivo, não seria nenhum disparate. A curto prazo, esta seria uma visão ingênua, ideologicamente comprometida e contaminada, em seu nascedouro, pelo cristianismo. A longo prazo, é algo para se pensar no estudo do caráter e da finalidade da Doutrina Espírita. Não foi à-toa que Rivail afirmou que a moral cristã e a espírita são “uma e a mesma coisa”. E também, que “a força do Espiritismo está em sua filosofia”, em sua consistência ético-filosófica, “no apelo que dirige à razão, ao bom senso”. (*O Livro dos Espíritos*, Conclusão, item VI - FEB).

Não somente por sua postura, mas também pelas consequências sociais que vislumbrou no movimento espírita, notadamente em sua turnê doutrinária por França, Bélgica e Suíça, Rivail concebeu a ideia de que o Espiritismo passaria por um período religioso.

Sem entrar no mérito dessa prospecção “histórica”, pouco dialética e processual, extremamente cartesiana, positivista, meio determinista mesmo, o que se nota é a clareza dele ao imaginar um período religioso na difusão do Espiritismo. É isso que nos interessa.

Entre os estudiosos do tema, durante um bom tempo pairou a dúvida, mesmo conferindo no original, se Rivail usou a palavra *religioso* no sentido de culto ou de laço (?!).

Ora, o tal Período Religioso a que Rivail se refere, não é um período de organização, engajamento, de articulação, que melhormente, por isso, seria denominado de Período Religionário, mas sim, uma fase religiosa, impregnada de misticismo, dogmatismo e de todas as mazelas típicas de qualquer religião, onde a razão e o bom senso ficam em segundo plano, facilmente descartáveis pelo poder insidioso, institucional e teológico da fé cega e irracional.

Rivail sabia disso, tinha plena consciência do impacto de seus livros posteriores à obra fundamental: *O Livro dos Espíritos/O Livro dos Médiuns* (gêmeos siameses, Lado A/Lado B, uma obra única). Seus artigos na *Revista Espírita* e os textos póstumos atestam isto.

Imaginou um período intermediário, antes da fase final da propagação espírita, de caráter mais moral e social. E atendeu à demanda social, à ânsia de seu tempo ao buscar correlações entre o Espiritismo e o cristianismo, com plena consciência dos efeitos sociais e doutrinários dessa vinculação.

Dos seis períodos vislumbrados por Rivail, os dois últimos superam o antepenúltimo, o chamado Período Religioso. Fosse apenas religionário, tudo bem. Entretanto, sendo religioso, no sentido de culto, podemos considerar as etapas posteriores como uma superação dessa fase.

Trata-se de uma preocupação permanente de Rivail, a de visualizar o processo de propagação do Espiritismo. Na conclusão de *O Livro dos Espíritos*, ele já imaginava como poderia ser, detalhou isso em outra oportunidade, concebendo quatro etapas até a ideia definitiva, como vimos, de seis períodos de propagação. O *Projeto 1868* é a prova evidente de que o futuro do Espiritismo sempre foi o pensamento dominante na consciência de seu fundador.

Penso ser oportuno lembrar que o saudoso pensador espírita Jaci Regis (1932-2010) interpretava essa prospecção de Rivail de modo peculiar e original, interessante aliás, ao imaginar aquele Período Intermediário (o quinto), que não tinha nome, como o Período de Espiritização. Já que no período anterior, o Religioso, o Espiritismo havia se descaracterizado. Hoje, talvez, o saudoso Jaci o denominaria de Período Pós-Cristão. Eu me contentaria, apenas, com a simples denominação de Período Pós-Religioso.

**Eugenio Lara** é arquiteto, membro-fundador do CPDoc, editor do site PENSE – Pensamento Social Espírita e autor de *Breve Ensaio Sobre o Humanismo Espírita*. E-mail: [eugenlara@hotmail.com](mailto:eugenlara@hotmail.com)

Os artigos desta coluna baseiam-se em estudos e pesquisas desenvolvidos pelo CPDoc:

[www.cpdocepirita.com.br](http://www.cpdocepirita.com.br) / [contato@cdocepirita.com.br](mailto:contato@cdocepirita.com.br)